



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

Edgar Rice Burroughs  
**Tarzan**  
**O Magnífico**

Círculo do Livro  
CIRCULO DO LIVRO S.A. Caixa postal 7413 São Paulo, Brasil  
Edição integral

Título do original  
*Tarzan The Magnificent*

Copyright 1939 by Edgar Rice Burroughs, Inc.  
Tradução de Affonso Blacheyre  
Licença editorial para o Círculo do Livro por cortesia da

Distribuidora Record de Serviço de Imprensa S.A.  
É proibida a venda a quem não pertença ao Círculo  
Composto pela Linoart Ltda. Impresso e encadernado em  
oficinas próprias

## **PERSONAGENS E CENÁRIOS**

Rio Neubari Mafa — afluente do Neubari  
Kajis — tribo de mulheres guerreiras  
Lorde e Lady Mountford — perdidos na África há vinte anos  
Stanley Wood — escritor americano  
Robert van Eyk — amigo e companheiro de Wood  
Spike e Troll — caçadores brancos, ligados ao safári de Wood e Van Eyk  
Mafka — mágico dos kajis  
Gonfala — rainha dos kajis  
Gonfal — o grande diamante dos kajis  
Zulis — tribo de mulheres guerreiras, inimigas dos kajis  
Lorde — inglês, prisioneiro dos zulis  
Woorá — mágico dos zulis  
Lorro — guerreiro zuli A grande esmeralda dos zulis  
Kamudi — um negro  
Muviro — chefe dos waziris  
Bantangos — tribo canibal  
Waranji — guerreiro waziri  
Tomos — primeiro-ministro de Cathne, a Cidade de Ouro  
Alextar — rei de Cathne  
Valthor — nobre de Athne  
Phoros — ditador de Athne, a Cidade de Marfim  
Zygo — rei de Athne  
Menofra — esposa de Phoros  
Dyáus — deus-elefante dos athnianos  
Daimon — um demônio  
Kandos — braço direito de Phoros  
Gemba — escravo negro  
Hyark — guerreiro morto por Tarzan na arena

## **ÍNDICE**

1. A voz do passado
2. Estranho relato
3. O poder de Mafka
4. Condenado à morte
5. A pantera negra
6. Aprisionado
7. Magia verde
8. O poço do leopardo
9. O fim do corredor
10. Rumo à liberdade
11. Traição
12. Reunião
13. Canibais
14. Rapto
15. Garras
16. Tantor
17. Desconhecidos
18. Ingratidão
19. Desforra
20. Athne
21. Phoros
22. Menofra
23. Condenados
24. Morte
25. Batalha

## **Capítulo um**

# **A VOZ DO PASSADO**

A verdade se mostra mais estranha do que a imaginação.

Se este relato vier a parecer, em parte, inacreditável, será favor manter presente o axioma referido. Ele teve início há mais de vinte anos, a menos que se deseje remontar à época ainda mais distante, remontar à primeira ameba ou mesmo além dela, ao universo com suas colisões fantásticas de dois sóis esquecidos; mas restringiremos nosso relato, a não ser por alguma referência ocasional, ao cenário, atores e assuntos da nossa época.

Os raios calcinantes do sol esturricam uma planície encarquilhada, a pouco mais de cinco graus ao norte do equador terrestre. Um homem, envergando camisa esfarrapada e calças nas quais o sangue secou, tornando-se cor de ferrugem, cambaleia e cai, estendendo-se inerte no chão.

Um leão enorme olha o cenário, do cimo da elevação rochosa distante, onde alguns arbustos tenazes persistem, proporcionando sombra à juba do rei, pois estamos na África.

Ska, o abutre, voa em círculos pelo azul do céu, em manobras preparatórias, bem acima do corpo do homem que tombou.

Não muito longe, ao sul, na orla da planície ressecada, outro homem caminha rumo ao norte. Não demonstra qualquer sinal de fadiga ou esgotamento. Sua pele bronzeada reluz com saúde, músculos completos se movimentam por baixo dela. O passo desembaraçado, a marcha sem ruído poderiam ser os de Sheeta, a pantera, mas não há qualquer ar furtivo nessa marcha. Temos, nela, a caminhada de alguém que não conhece a dúvida ou o medo, a caminhada de um soberano, em seu próprio reino.

Ostenta apenas uma tanga no corpo, feita de couro de corça. Em um dos ombros traz um rolo de corda feita de capim, atrás do outro ombro vê-se um carcás de flechas; uma faca em bainha balança em seu quadril; um arco e uma lança curta completam-lhe o equipamento. O feixe de cabelos negros tomba livremente sobre olhos serenos, cinzentos, olhos esses que podem refletir a luz de um mar de verão, ou o brilho metálico de uma espada.

O senhor da selva está em marcha.

Encontra-se muito ao norte de seus antigos retiros, mas ainda assim o terreno não lhe é desconhecido. Esteve ali muitas vezes. Sabe onde pode encontrar água, bastando cavar. Sabe onde se acha o buraco de água mais próximo, onde pode matar algum animal, saciar a fome.

Veio a pedido de um imperador, a fim de investigar o boato de que uma potência européia procura levar um chefe nativo à defecção, utilizando o suborno. A guerra e os boatos de guerra circulam pelo ar, mas contamos que tais coisas não façam parte de nosso relato. Ainda assim, não somos profeta. Limitamo-nos ao papel de cronista dos acontecimentos, conforme os mesmos se apresentam. Acompanhamos as atividades de nossos personagens até o amargo fim, até mesmo à guerra, mas contamos sempre com o melhor. Só o tempo, entretanto, poderá confirmar-nos ou desmentir-nos.

Enquanto Tarzan seguia com passos desembaraçados, atravessando a planície, nenhum som lhe escapava aos ouvidos aguçados; nenhuma coisa que se movesse escapava-lhe ao olhar; nenhum odor, contido no seio macio de Usha, o vento, passava sem ser identificado por ele. Bem a distância, ele viu Numa, o leão, sobre seu posto rochoso de observação; viu Ska, o abutre, circulando acima de alguma coisa que sua visão não permitia divulgar. Em tudo quanto via, escutava ou farejava, dava para ler uma situação; isso porque, para ele, aquele mundo selvagem era como um livro aberto, sempre uma narrativa emocionante, interessante, uma narrativa de amor, ódio, vida e morte.

Onde o leitor ou eu poderíamos, de vez em quando, entender uma letra ou palavra, Tarzan compreendia todo o texto e as inúmeras implicações que escapariam inteiramente ao nosso entendimento.

E logo à frente viu algo branco, brilhando sob a luz do sol — um crânio humano; ao aproximar-se, seus olhos divisaram o esqueleto de um homem, no qual os ossos haviam sido apenas levemente deslocados. Entre eles crescia um arbusto desértico, proclamando que o esqueleto ali estivera por muito tempo.

Tarzan fez uma pausa para investigar, pois em seu mundo nada é trivial demais para se deixar sem indagações. Viu que o esqueleto era de um negro que ali estivera por muito tempo, provavelmente anos seguidos; e isso era de todo possível, na planície quente e seca. Não dava para calcular como o homem encontrara a morte, mas imaginou que fosse devido à sede.

Viu, então, algo ao lado dos ossos da mão, algo semi-enterrado pelo solo; estacou e recolheu aquilo, retirando-o cuidadosamente da terra. Era um bastão partido, de madeira pesada, e na extremidade partida achava-se preso um fragmento fino de seda oleada.

A seda estava manchada, quebradiça e seca. Dava a impressão de que ia desfazer-se ao contato, mas apenas na camada externa. Ao abrir cuidadosamente o envoltório, encontrou as camadas internas mais bem conservadas. No interior do envoltório de seda estava o que ele contava encontrar — uma carta.

Achava-se escrita em inglês, a caligrafia pequena e muito clara. Tarzan leu com interesse, o que talvez fosse causado pela data em cima da folha de papel. Vinte anos haviam decorrido desde que a carta fora escrita. Por vinte anos ela ali estivera, ao lado do esqueleto de seu portador, prestando testemunho mudo da solidão imperante naquela planície inóspita.

Tarzan leu:

*A quem encontrar: Estou enviando esta sem grande esperança de que consiga sair desta terra infernal, ainda menos de que chegue às mãos de qualquer homem branco; se chegar, entretanto, peço o favor de entrar em contato com o comissário residente mais próximo ou qualquer outra autoridade que nos possa prestar auxílio com rapidez.*

*Minha esposa e eu estávamos explorando a parte setentrional do lago Rudolph. Fomos longe demais. Aconteceu o que sempre acontece. Nossos carregadores ficaram assustados com os boatos de uma tribo feroz que habita a região em que estávamos. Eles nos abandonaram.*

*Onde o rio Mofa desemboca no Neubari, subimos a ravina do primeiro, como se fôssemos arrastados por alguma força sobrenatural, e ali fomos capturados pelas mulheres selvagens de Kaji, quando chegamos ao platô. Um ano depois, nasceu nossa filha e minha esposa morreu — aquelas selvagens de Kaji a mataram, porque não nasceu um filho homem. Elas queriam homens brancos. É esse o motivo pelo qual não me mataram, bem como a uma dúzia de outros prisioneiros, homens brancos também.*

*A região dos kajis fica em planície alta, por cima das cataratas do Mafa. É lugar quase inacessível, mas pode-se chegar lá acompanhando a garganta do Mafa, vindo do*



Neubari.

*Será necessária uma expedição bem armada, de homens brancos, para poder salvar-me e à minha filhinha, pois duvido que os negros possam ser levados a vir aqui. Essas mulheres kajis lutam como demônios, e possuem poderes estranhos e ocultos de algum tipo. Tenho visto coisas que... bem, coisas que não podiam existir, mas existem.*

*Nenhuma tribo nativa vive perto dessa região misteriosa e malsinada; por esse motivo, sabe-se pouco a respeito dos kajis; mas os boatos de seus costumes apavorantes tornaram-se parte do folclore dos vizinhos mais próximos, e é o relato assustado dessas coisas que amedronta os carregadores de qualquer safári que se aproxime de sua influência nefasta.*

*Os homens brancos talvez jamais venham a saber qual é a causa, pois os negros têm medo de contar, achando que a magia negra dos kajis poderá castigá-los; mas o resultado é sempre o mesmo — se o safári se aproximar demasiadamente dos kajis, todos os negros desertam.*

*Acontece então o que ocorreu com minha esposa e comigo — os brancos são atraídos por algum meio misterioso, chegando ao planalto e sendo ali aprisionados.*

*Talvez até mesmo uma força numerosa seja vencida, pois os brancos não estariam lutando contra fenômenos naturais. Se fosse vitoriosa, entretanto, a recompensa talvez se revelasse enorme. É a esperança dessa recompensa que apresento, contra os perigos da empreitada.*

*Os kajis são donos de um diamante gigantesco. De onde veio, de que solo foi retirado, não pude verificar; mas desconfio que tenha vindo do solo de sua própria região.*

*Eu já vi e segurei o diamante Cullinan, que pesava mais de três mil quilates; e tenho a certeza de que o diamante dos kajis pesa mais de seis mil. Não posso imaginar qual o seu valor, agora, mas usando como medida a pedra brasileira, o Cruzeiro do Sul, deve orçar por cerca de £ 2.000.000 — recompensa que justifica algum risco.*

*É impossível saber se conseguirei mandar esta caria para fora da região dos kajis, mas tenho a esperança de consegui-lo, subornando um dos escravos negros que, de vez em quando, saem do planalto para servir de espiões nas terras mais baixas.*

*Deus permita que ela chegue a tempo.*

*Mountford.*

Tarzan leu duas vezes a carta. Mountford. Vinha-lhe a recordação antiga do desaparecimento misterioso de Lorde e Lady Mountford, que eram lembrados graças aos boatos de que ainda viviam, até se haverem tornado uma lenda na selva.

Ninguém acreditava realmente que eles vivessem, mas, com certos intervalos, algum viajante vindo do interior fazia reviver o boato, trazendo indicações mais ou menos circunstanciais. Recolhera a história de um chefe de alguma tribo distante, ou talvez dos lábios de um branco moribundo, mas nunca se apresentava qualquer chave definida quanto ao paradeiro exato dos Mountford — pois haviam surgido notícias da presença deles em uma série de lugares, desde o Sudão à Rodésia.

E agora, finalmente, viera a verdade, porém viera tarde. Lady Mountford morrera vinte anos antes, era de todo improvável que o marido continuasse vivo. A filha, naturalmente, teria morrido ou sido morta pelos *kajis*. Seria difícil sobreviver entre aqueles selvagens, atravessando a infância.

Para o homem-macaco, criado na selva, a morte era fenômeno comum da existência e muito menos notável do que inúmeras outras manifestações da natureza, pois vinha mais cedo ou mais tarde a todos os seres vivos; desse modo, a possibilidade da morte do homem e da criança não lhe causou qualquer reação de pesar ou tristeza. Aquilo simplesmente não significava coisa alguma para ele. Ia entregar a carta às autoridades inglesas na primeira oportunidade que tivesse, e seria tudo. Ou era assim, pelo menos, que Tarzan pensava. Continuou em sua jornada, afastando a questão dos pensamentos. Achava-se mais interessado nas manobras de Ska, o abutre, pois estas indicavam que Ska rodopiava acima de alguma criatura que não morrera e que, por causa de sua dimensão ou natureza, hesitava em atacar.

Ao aproximar-se do local acima do qual Ska rodopiava com as asas paradas, ele viu Numa, o leão, saltar da orla em que estivera em pé e aproximar-se cautelosamente da coisa que despertava a curiosidade do homem. Embora este último se achasse bem à vista, Numa pareceu ignorar-lhe a presença; tampouco Tarzan alterou seu rumo por causa do leão. Se nenhum dos dois desviasse os passos ou a direção, iriam encontrar-se bem perto da coisa sobre a qual Ska adejava.

Quando o homem-macaco se aproximou do objeto de seu

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

